
**Instrumentalização da comunidade judaica por atores políticos na sociedade
mediatizada: o papel do jornalismo na denúncia do antissemitismo¹**

Hannytta Medici Morales²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP.

Resumo:

Os hábitos de consumo, potencializados pelas plataformas digitais, acabaram por impactar o modo como consumimos e produzimos notícias. Pretende-se aqui, uma construção teórica referente às mudanças estruturais do jornalismo, atualmente inserida dentro de uma sociedade mediatizada, em paralelo a realidade do extremismo político e a ascensão de casos de antissemitismo no Brasil. A partir disso, realizaremos um estudo de caso da instrumentalização da comunidade judaica durante o Governo Bolsonaro (2019-2022), propondo reflexões a respeito do papel do jornalismo durante este processo.

Palavras-Chave: Jornalismo; Antissemitismo; Mediatização; Brasil; política

Introdução:

É próprio que, com o passar dos anos, os modos de produção e consumo vão se alterando. Não seria diferente com os veículos de comunicação. Ao analisar a história, o poderio da disseminação de textos foi, aos poucos, deixando de ser “um-para-muitos”. O que antes era relativamente dificultoso - poder ter espaço para compartilhar suas opiniões nos meios tradicionais - hoje, com as novas tecnologias, mudou. O cidadão comum se torna sujeito na disseminação de informação (MOUNK, 2016).

Apesar de existir impactos positivos nesse processo de mediatização, deve-se lembrar das consequências negativas, que se tornam cada vez mais cotidianas. Dentre eles podemos destacar o aumento exponencial de vítimas de ódio on-line, a descredibilização do jornalismo desde a ascensão da extrema direita, e nos impactos do se fazer jornalismo (Kakutami, 2018).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (CAMPUS/Bauru). E-mail: hannytta.medici@unesp.br

Durante a campanha eleitoral de 2018, percebeu-se a presença de uma expressiva quantidade de bandeiras israelenses nas manifestações favoráveis ao então candidato Jair Bolsonaro, e um discurso abertamente pró-Israel em uma tentativa de angariar votos para o candidato conservador (Gherman, Klein, 2021).

Desde promessas de campanha como transferir a embaixada de Tel Aviv para Jerusalém, aos seus herdeiros, Eduardo e Carlos, sendo flagrados utilizando camisetas que fazem referência ao Mossad (Serviço Secreto de Inteligência israelense) e a Israeli Defense Forces (Força de Defesa Israelenses), são apenas alguns exemplos desse aceno³.

Em paralelo a esse cenário, percebeu-se também um aumento aos ataques antissemitas nos últimos anos. Entre 2014 a 2019, por exemplo, segundo a Anti-Defamation League (ADL), no Brasil, o antissemitismo passou de passou de 16% para 25%. Segundo a organização, dentre as manifestações que mais se destacam são em relação a “dupla lealdade” dos judeus em relação a Israel (que no Brasil passou de 43% para 70%), de que os judeus ainda falam muito sobre o Holocausto (63%), ou de que eles seriam responsáveis pelas guerras mundiais.⁴

Desde a ascensão de Bolsonaro, como trataremos de forma mais aprofundada no projeto de dissertação, a comunidade judaica se viu inserida no meio do debate político brasileiro. Dado a essa apropriação, a partir da leitura de um “Judeu imaginário”, a figura do judeu passou a ser associada com o espectro político da direita, e tudo aquilo que se desassociasse a isso, era rejeitado.

Por “Judeu imaginário” compreendemos como um judeu que, segundo Gherman e Klein (2019, p. 105), “Um judaísmo que rime com o cristianismo conservador, que contenha fortes referências messiânicas e que tenha suas definições livres de propostas de esquerda ou liberais”.

Apesar deste tema estar sendo abordado aos poucos dentro da área da historiografia, ou dos Estudos Judaicos, em uma tentativa de se compreender os novos processos de antissemitismo, percebe-se uma certa lacuna dentro do campo de

³ O que poderá ser discutido futuramente, é claro, é em relação da influência da bancada evangélica nesse movimento.

⁴ ANTI-DEFAMATION LEAGUE, ADL **Global Survey of 18 Countries Finds Hardcore Anti-Semitic Attitudes Remain Pervasive. One in four Europeans polled fall into most anti-Semitic category**, 2019. Disponível em < <https://www.adl.org/resources/press-release/adl-global-survey-18-countries-finds-hardcore-anti-semitic-attitudes-remain>>. Acesso em 25 de junho de 2022.

comunicação. Desta forma, o presente artigo propõe a inserção do tema no campo, em uma perspectiva da leitura jornalística inserida na sociedade midiaticizada.

A ascensão de grupos conservadores em uma era de midiaticização, nos alerta para um possível impacto negativo sem precedentes, desde o que se aconteceu no início do século passado (2º Guerra mundial).

Desenvolveremos aqui uma linha de raciocínio a respeito da sociedade midiática, a “crise” e o atual momento do jornalismo, e por fim, compreender o seu papel em relação a problematizar a aproximação de Bolsonaro com a comunidade judaica.

Desenvolvimento

Sociedade midiática

A sociedade midiática tem uma presença indiscutível dentro do período histórico aqui analisado. Muito disso está ligado, como veremos, na facilidade das plataformas digitais conduzirem uma discussão pautada nos afetos discursivos, em comparação a outros meios de comunicação. Além disso, é muito próprio dessa realidade, a disseminação de informação em uma velocidade nunca antes vista.

Para que possamos nos aprofundar mais a respeito da realidade da sociedade midiática, temos que nos familiarizar com a ideia de midiaticização. Este conceito vem sendo desenvolvido, segundo França (2020), desde as últimas décadas do século passado, tendo como destaque pesquisadores como Muniz Sodré e Lucia Santaella.

Em seu artigo, França (2020, p. 28) traz inicialmente a definição do termo a partir de Muniz Sodré. A midiaticização, segundo o autor, se caracteriza por ser uma nova forma do sujeito se posicionar no mundo a partir da tecnologia⁵. Esse novo modo de existência do ser humano seria

uma estetização generalizada da vida social, com a prevalência da forma sobre os conteúdos semânticos; uma eticidade exaltativa do desejo individual; a submissão aos negócios e ao capital; novas formas de relacionamento dos indivíduos com as referências

⁵ Como a autora cita em seu artigo, Sodré desenvolve a ideia de midiaticização a partir da ideia de existência humana de Aristóteles que, segundo o filósofo grego, seriam três: a vida contemplativa, a política e a prazerosa. Sodré adicionaria o quarto modo, que seria o “Bios Midiático”.

concretas (tendo a mídia como estruturadora das percepções e cognições); novas formas de sociabilização.

Além das considerações relevantes de Sodré, França (2020) também traz o pensamento de José Luiz Braga, que compreende o termo - de um modo até um pouco similar de Sodré - a partir da perspectiva da vida cotidiana pensada a partir dos meios⁶.

Uma das características da sociedade midiaticizada, vai na contramão do que entendemos por sociedade de massas. Isso significa que a produção de conteúdo deixou de ser de “poucos para muitos” e passou a ser de “muitos para muitos” (Mounk, 2016). Podemos observar as consequências disso em relação ao impacto causado pelo meio digital nos mais diversos níveis (social, político, comunicacional, intervenções corporativas etc), em comparação aos meios tradicionais, que, segundo França (2020) se mostra muito mais avançada.

Um exemplo disso pode ser observado em relação a “demora” na cobertura jornalística sobre qualquer assunto disseminado nos meios de socialização on-Line. No momento em que uma reportagem sobre um acontecimento é postada, alguma coisa nova surge, fazendo com que a reportagem se torne obsoleta. Ou pior: a demora da averiguação de uma notícia falaciosa hoje, pode fazer com que ela já tenha sido tomada como verdade.

A ascensão da nova direita coincide com a popularização dos novos meios de comunicação. Os representantes deste espectro, a exemplo de Donald Trump, rapidamente se apropriaram destes veículos para disseminar um discurso pautado pela subjetividade, da glorificação da opinião acima do conhecimento e da formação de bolhas (Kakutami, 2018; Mounk, 2016).⁷

Como é perceptível dentro da sociedade midiaticizada, as redes sociais acabam se tornando pontes diretas entre o assunto e o público, possibilitando trocas e engajamento. Se antes era o papel do jornalismo de intermediar a relação entre políticos e eleitores, com as plataformas digitais, esse relacionamento passou a ser direto.

⁶“Numa abordagem setorializada, midiaticização se refere à presença e interferência da lógica dos meios no desenvolvimento de campos específicos (como quando nos referimos à midiaticização da política, da religião, etc.). Num nível macro, midiaticização diz respeito à sociedade como um todo, que seria afetada quando as interações que a constituem passam a se dar preferencialmente através das mídias.” (França, 2020, p. 28)

Quando um possível chefe de Estado passa a se apropriar de símbolos que são associados à comunidade judaica ou israelense, como usos da bandeira de Israel, ou o uso de roupas com estampas referentes ao Exército israelense, passarão a ser temas discutidos nas redes sociais. Contudo, o que pouco se debate, é uma visão crítica com relação a esses usos.

Em paralelo a isso, como veremos a seguir, o jornalismo, que tem um papel fundamental na sociedade, parece que também não realizou, ou demorou a realizar, um olhar crítico, com relação a essa aproximação de Bolsonaro com a comunidade judaica⁸. A medida em que a disseminação de antissemitismo vem se mostrando cada vez mais comum, é necessário encontrar veículos aliados para combater tal crime.

Papel do Jornalismo e sua crise no contexto midiático

Em tempos de pandemia, como aconteceu no início de 2020, percebe-se na prática a importância social do Jornalismo. Num contexto de confinamento, foi a partir dos veículos de comunicação, que houve a mediação das informações relacionados a (não) gestão do então governo, (in)eficácia de determinados medicamentos, ou até mesmo a previsão da distribuição de vacinas.

Mesmo com o papel decisivo do jornalismo neste período, é necessário, no entanto, colocar luz sobre os impactos da midiaticização nas mudanças estruturais no setor. Como aponta Pereira e Adghirni (2016)⁹, essas mudanças são percebidas em dois âmbitos: 1) na questão organizacional do jornalismo e 2) na questão sociológica do trabalho e com relação a economia dos meios de comunicação, provocada pela crise no modelo de negócios das empresas tradicionais.

Essa mudança estrutural do jornalismo, pode ser vista como um reflexo das mudanças que ocorrem na sociedade. A migração de suporte de transmissão de notícia, ou até mesmo a decisão final da escolha da produção de pautas, acaba sendo baseada a cada nova realidade (Pereira e Adghirni, 2011).

De certo que o cenário midiático que nos encontramos hoje, alterou o cenário jornalístico em várias camadas. Desde a mudança na equipe de redação, corrida contra o tempo de averiguar uma informação, etc. Sobre isso, o questionamento trazido por Pereira e Adghirni (2011, p. 46) “como produzir um jornalismo de qualidade se não há

⁸ Questões sobre o antissemitismo será abordada no primeiro capítulo da dissertação.

⁹ Texto referente a apresentação do livro citado de Charron e Bonville (2016).

disponibilidade de tempo hábil para uma boa apuração? Como conciliar as demandas por velocidade e ‘verdade’ na produção jornalística?” se torna necessário.

Como apontam Charron e Bonville (2016), também se criou uma concorrência exacerbada de mensagens, fazendo com que os jornais busquem se diferenciar e se preocupar com o interesse dos leitores. A “guerra por cliques” e o impacto dos algoritmos, como bem ressaltava Pereira e Adghirni (2011), em uma realidade que as pessoas andam mais propensas a se manter em suas bolhas - muitas vezes tratando a notícia como um “produto” e consumindo apenas o que lhe convém - os portais de notícia estabelecem uma estratégia de “fidelização dos leitores”.

Da mesma forma que no pós 2008 vimos um movimento de descredibilização dos representantes políticos, Kakutami (2018) afirma que esse processo de desconfiança nas instituições e narrativas oficiais ocorre desde 1960. À medida que o processo de midiaticização se acentua, ao mesmo tempo que ela possibilita a produção de conteúdo educativo, realizar compras sem a necessidade de enfrentar longas filas, compartilhar interesses em comum com pessoas ao redor do mundo, entre outros, foi perceptível também certos impactos negativos, como a disseminação de fake news, e relativismo.

Devemos nos lembrar também que, nos últimos anos, a atuação do jornalismo, em especial aqui na América Latina, se encontra em uma dupla pertença. Ao mesmo tempo em que ela foi importante para a normalização de um discurso cada vez mais conservador, ela passou a ser descredibilizada no momento em que essa Extrema Direita ascendeu ao poder.

Em uma perspectiva mercadológica, a crise jornalística vivida em tempos de sociedade midiaticizada, para Pereira e Adghirni (2011) não estaria ligada tanto para os hábitos de consumo dos leitores, mas sim, na credibilidade das produções. Mesmo com a realidade da diminuição dos impressos, os autores trazem dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), que o consumo on-line (mesmo entre jovens acima dos 18 anos), vem crescendo.

Pensando neste presente cenário, referente as mudanças relacionadas à produção de conteúdo, credibilidade, discussões pautadas pelo afeto e o acesso a uma quantidade excessiva de informações, nos delimitaremos agora em focalizar nosso debate relacionado ao “ressurgimento” do antissemitismo na sociedade brasileira.

Percebeu-se uma certa dificuldade em setores da sociedade em se ter um olhar mais crítico com relação à essa aproximação de Bolsonaro com símbolos judaicos, e como

essa aparente performance filossemita¹⁰, esconderia um discurso antissemita. Sendo o jornalismo fruto desta mesma sociedade, como poderíamos perceber o seu papel durante este processo?

Antissemitismo na era midiática: Como pensar o papel do jornalismo?

Como mencionado anteriormente, este presente artigo se propõe em ser um “recorte-reflexivo” em relação ao projeto de dissertação em desenvolvimento. Ao tratar a respeito da cobertura jornalística em relação a instrumentalização da comunidade judaica feita pela gestão de Jair Bolsonaro, nos propomos aqui em realizar algumas reflexões iniciais que motivaram a construção deste projeto.

Os processos comunicativos, como foi abordado aqui, passaram por diversas mudanças. Em paralelo a isso, mundialmente enfrentamos a ascensão de um discurso reativo as conquistas democráticas adquiridas nas últimas décadas. Essas lideranças antidemocráticas, tal qual Donald Trump e Jair Bolsonaro, se apropriaram das ferramentas midiáticas, amplamente difundidas, para disseminar seus discursos e angariar possíveis eleitores. É justamente nesse processo de mudança, que nos chama a atenção para o desenvolvimento deste presente artigo e, conseqüentemente, do projeto de dissertação.

As práticas relacionadas a manifestações de ódio, que longe de ser algo inédito, se mostram cada vez mais intensas dentro do âmbito on-line. Quando tratamos especificamente do antissemitismo, não diferente de outras formas de preconceito, monitores como a Anti-Defamation League, publicam periodicamente os aumentos de casos tanto no âmbito *On-Line* quanto *off-line*. Mesmo com este aumento, o que andou se observando dentro de grupos de pesquisa que debatem a respeito do antissemitismo, é a falta de percepção da sociedade em geral em identificar esse tipo de fala.

Desde que a instrumentalização da identidade judaica imaginária se tornou uma prática comum dentro do bolsonarismo, percebeu-se uma nova leitura sobre a prática do antissemitismo: um discurso que homogeneiza um grupo, mas que aparenta ser afetuoso. Em outras palavras, ao tentar se aproximar de certos segmentos da comunidade judaica,

¹⁰ O filossemitismo como uma forma de antissemitismo será melhor trabalhada em um capítulo da dissertação. Em um primeiro momento, não é um problema a admiração ou a simpatia por um determinado grupo – o judaico, no caso. Contudo é necessário ter uma percepção crítica do como esse filossemitismo da extrema direita é fundamentado. Neste caso, essa admiração é pautada a partir de um judeu “inventado”, como mencionado anteriormente.

e adotar seus símbolos, ele nega toda a diversidade do grupo ao reduzir uma coletividade a uma parcela do grupo alinhada politicamente.¹¹

Ao realizar essa aproximação, seria muito cômodo ao bolsonarismo utilizar desta técnica para se proteger das acusações de nazista. Uma estratégia semelhante foi utilizada para se proteger das acusações de machista, racista ou homofóbico quando ele trouxe para perto de si figuras como sua esposa Michelle, o maquiador Agostin Fernandes e Helio “negão” Lopes.

Dado essa aproximação que a realidade midiática consegue proporcionar, foi um dos possíveis fatores que fez com que setores da comunidade judaica tivessem seus afetos acionados e iniciado um apoio à Bolsonaro. Na contramão disso, a comunidade num geral, acabou sendo colocada no centro do debate político brasileiro, sendo associada completamente, sem distinção, ao bolsonarismo.

Sendo o jornalismo uma prática que acaba por refletir a sociedade que está inserida, devemos nos questionar o seguinte fato: se setores da sociedade parecem incapacitadas em identificar e, conseqüentemente, denunciar os recorrentes ataques atissemítas, como esperar que a instituição jornalística exerça? Além disso: Como esperar que esse enfrentamento seja feito em um cenário que as discussões são norteadas pelas emoções e afetos? O presente artigo não pretende neste momento, apresentar respostas, mas trazer reflexões que serão discutidas em profundidade no projeto de dissertação.

Seria necessário, então, como apontam Pereira e Adghirni (2011, p. 42), a presença de novos atores, que, no caso, joguem luz sobre a crescente onda de antissemitismo. Levando em consideração o caráter ambivalente das plataformas digitais (ao mesmo tempo que dissemina ódio, é capaz de trazer vozes combativas), é possível encontrar coletivos judaicos possam produzir conteúdo próprio.

Conclusão:

As frequentes transformações tecnológicas e os novos hábitos de consumo, tiveram conseqüências em relação a produção de conteúdo, especialmente no que abrange o setor jornalístico. O cenário atual se mostra extremamente desafiador às mídias tradicionais, levando em consideração os múltiplos estímulos que temos em nossas mãos, e a impraticabilidade de se ter discussões pautadas na racionalidade.

¹¹ Essas questões de imaginário serão melhores tratadas na dissertação, onde contaremos com um capítulo dedicado a isso.

Juntamente com a crise socio-política vivida desde a última década, esta pauta também ganhou espaço nas redes. Percebe-se uma extrema-direita preparada, e que acabou pautando a discussão nos veículos on-line, além dos frequentes ataques à imprensa. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os jornais tentam acompanhar os acontecimentos, eles passam por um processo de recuperação da credibilidade.

Ao tratar a respeito das mudanças do cenário jornalístico, percebemos cada vez mais a produção exclusiva para assinantes, uma certa competição por cliques, com manchetes apelativas e uma diminuição dos profissionais nas redações. A produção jornalística pode ser, muitas vezes, lida como um novo produto mercadológico, com a finalidade de agradar seus assinantes e reforçando a permanência em bolhas.

Se torna perceptível também o fato do “consumidor final” se tornar, de certa forma, um produtor de conteúdo. Essa comunicação, que passou a ser de “muitos para muitos”, vem aumentando expressivamente a quantidade de informações, nem sempre verdadeiras, verificadas ou atreladas a um discurso racional.

Na realização deste artigo, além da construção teórica sobre essa realidade, buscou-se trazer um exemplo prático, a partir do tema a ser trabalhado na dissertação. A partir da contextualização de uma sociedade midiaticizada e dos novos paradigmas jornalísticos, ao considerar a dificuldade de identificar o antissemitismo presente na então gestão bolsonarista, como deveríamos compreender o papel do jornalismo neste cenário?

Percebemos também que os impactos da sociedade midiática em relação aos crimes de ódio em específico (visto que este é o tema central a ser abordado) vem se escalando sucessivamente. Entende-se, portanto, o papel do jornalismo enquanto um sistema aos moldes dos “pesos e contra-pesos”, que possa estabelecer uma linha de racionalidade na sociedade.

Referencias Bibliográficas :

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. Natureza e transformação do Jornalismo. [s.l.]: Insular, 2016

FRANÇA, Vera. Alcance e variação do conceito de midiaticização. *In: Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiaticização. Ferreira et al (orgs)*. Santa Maria - RS: FACOS – UFSM, 2020, p. 22–44.

GHERMAN, Michel. Aquela Noite: o lugar da Israel imaginária na nova direita brasileira. *Revista Antropológicas*, v. 32, n. 2, p. 111, 2022.

GHERMAN, Michel; KLEIN, Misha. Brazilian Right influence on the Jewish community of Rio de Janeiro. 2019.

GOMES, Pedro. A midiatização em debate. *In: Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização. Ferreira et al (orgs)*. Santa Maria - RS: FACOS – UFSM, 2020, p. 55–66.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; LEAL, Zélia. O JORNALISMO EM TEMPO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS. v. 1, n. 24, p. 38–57, 2011.